

Feijão

Jackson Dantas Coêlho
Economista. Mestre em Economia Rural
jacksondantas@bnb.gov.br

Resumo: O Brasil é o segundo produtor mundial de feijão, com previsão de 3,1 milhão de toneladas na safra 2023/2024, alta de (0,7%) em relação à safra 2022/2023, **não havendo grandes excedentes exportáveis, como ocorre a outros grãos, e o Nordeste**, estimativa de 696 mil toneladas, aumento de (6,2%) em comparação à safra anterior, **é a terceira região em produção**. Também há previsão de crescimento de área, tanto no Brasil (3,3%) como no Nordeste (4,7%), apesar do *El Niño* severo, com baixa produtividade média, inclusive, o excesso de chuvas está prejudicando os cultivos das regiões Sul e Sudeste, sinalizando possível aumento de preços nos próximos meses. No comércio exterior nordestino, na comparação dos acumulados de janeiro-outubro de 2022 e de 2023, o faturamento cresceu 14%, com US\$ 8,6 milhões em 2023, e alta de 7,4% no volume, com variação de 9,2 para 9,9 mil toneladas, respectivamente. A exportação do Nordeste foi direcionada principalmente para Índia, Vietnã e Indonésia. Há muitas oportunidades de mercado, como aproveitamento em dietas veganas e para celíacos, produtos semiprontos, produção orgânica e novos cultivares, sendo que o alerta segue para a magnitude do El nino, especialmente, a partir do 1T2024.

Palavras-chave: feijão; mercado; preços; Nordeste; clima; produção.

1 Mercado Global

Um dos cultivos mais antigos do mundo, conhecido na Grécia e Egito antigos, o feijão é um dos principais itens da cozinha brasileira, principalmente da nordestina. Pertence a um grupo de mercado denominado de pulses, que inclui ervilha, grão-de-bico e fava, sendo importante fonte de proteína e trazendo benefícios para a saúde. Os principais produtores mundiais de feijão são: **Índia, Brasil, Mianmar, Tanzânia, China, México, Estados Unidos, Uganda, Argentina e Quênia**, nessa ordem (**Tabela 1**). Os maiores importadores são Índia, China, Bangladesh, Estados Unidos e Egito (FAOSTAT, 2023).

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biagio de Oliveira Mendes Junior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Marcos Falcão Gonçalves (Gerente Executivo), Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Pedro Barreira Bentemuller e Rodrigo Donato Paes (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

México e Argentina alcançaram crescimento no período (2,1% e 16,4%, respectivamente), enquanto os demais, reduções de até 6%, por conta das oscilações de mercado e de problemas climáticos.

Tabela 1 – Principais produtores de feijão no mundo (em toneladas)

Países	2017	2018	2019	2020	2021
Índia	6.340.000	6.220.000	5.310.000	5.460.000	6.120.000
Brasil	3.046.079	2.916.365	2.908.075	3.035.290	2.899.864
Myanmar	2.861.839	2.721.079	2.716.527	2.659.244	2.483.070
República da Tanzânia	1.428.434	1.096.930	1.197.489	1.277.152	1.325.702
China	1.333.855	1.337.552	1.340.421	1.303.804	1.305.584
México	1.183.868	1.196.156	879.404	1.056.071	1.288.806
Estados Unidos	1.291.240	1.108.120	920.064	1.465.376	1.020.087
Uganda	1.012.406	940.323	437.000	786.000	855.801
Argentina	413.605	473.389	578.713	633.823	758.750
Quênia	846.000	837.000	747.000	774.366	666.000
Selecionados	19.757.326	18.846.914	17.034.693	18.451.126	18.723.665
Outros	9.424.783	8.653.767	8.530.564	8.974.344	9.003.946
Mundo	29.182.109	27.500.682	25.565.258	27.425.470	27.727.611

Fonte: FAOSTAT (2023).

Nota: A produção disponibilizada pela fonte tem esse atraso de dois anos para todos os produtos.

A produção de feijão é afetada por diversos fatores, como riscos ambientais, bioestresse e políticas governamentais dos países. A cultura pode estar sujeita a várias doenças, principalmente sob altas temperaturas e excesso de umidade. Os maiores custos de produção de feijão seco podem incluir sementes, pulverizações, mão de obra extra durante a colheita, especialmente em regiões com escassez de pessoal. Várias políticas agrícolas prepararam o caminho para o desenvolvimento da cadeia de abastecimento de feijão em todos os níveis, visto que é o componente vital da estratégia geral para enfrentar a competição do mercado global para a cultura. Isso melhora o desempenho e a competitividade dos países na frente de importação e exportação. Seguem alguns destaques relevantes sobre os principais países produtores:

Índia	É o maior produtor de pulses no mundo, produzindo diversas variedades, dentre elas o feijão mungo-preto, o mungo-verde (cultivadas somente na Índia e em Mianmar, muito sensível a pragas e doenças), o guandu, além de grão de bico e lentilhas. O governo tem tomado medidas nos últimos anos para impulsionar a produção e tem sido bem-sucedido. Apesar de ser o maior produtor, existe uma demanda interna reprimida, em razão da existência de uma grande classe média, que eleva o crescimento do consumo per capita indiano (IBRAFE, 2023).
Brasil	Segundo produtor mundial, o Brasil deve ter leve aumento de produção de 0,7%, para 3,06 milhões de toneladas, embora seja a menor área da série histórica (2,78 milhões de ha). O consumo de feijão deve se manter em 2,85 milhões de toneladas, sem previsão de crescimento para a atual safra (2023/24). Projeções do Mapa estimam consumo de 2,75 milhões de toneladas para 2033 (BRASIL, 2022), pela perda de espaço na alimentação dos brasileiros, visto que é consumido principalmente pela classe trabalhadora e camadas de baixa renda, apesar da sua riqueza nutricional, que tem sido valorizada por nichos de mercado, como de alimentação para veganos e celíacos;
Mianmar	Terceiro produtor global de feijão, a antiga Birmânia é um dos principais fornecedores da Índia. O feijão é usado em muitos pratos da culinária birmanesa, pois é acessível e não requer muita preparação.
Tanzânia	Quarto produtor mundial, produz principalmente feijão bóer (o mesmo guandu) e seco, e é um dos maiores fornecedores da Índia. A cultura vem se recuperando depois da queda de 23% na produção, em 2018, por conta de problemas climáticos.
China	Quinto produtor mundial, não houve alta significativa na produção da China no período 2017-2021. A redução na produção de feijão-mungo aumentou as importações, oportunidade para o Brasil, que tenta aproximação comercial para venda de feijão e gergelim, tendo enviado comitiva para visitas a empresas e portos na China, em maio/23, durante a realização da maior feira de produtos alimentícios da Ásia, a Sial China 2023.

Fonte: EMIS - ISI Emerging Markets Group Company (2023).

2 Brasil

O País tem três safras, favorecendo a oferta constante do produto: a primeira, ou das águas, com colheita de novembro a abril, concentrada nas regiões Sul, Sudeste e nos estados de Goiás, Piauí e Bahia; a segunda, a da seca, com colheita de abril a julho, concentrada nas regiões Nordeste, Sul, Sudeste e nos estados de Mato Grosso, Rondônia e Goiás; e a terceira, ou de inverno, com colheita de julho a outubro, concentrada em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Bahia, Pará, Pernambuco e Alagoas. O ciclo curto é uma vantagem para o produtor, que adequa seu plantio a uma janela menor, sem precisar sacrificar a produção de outros grãos no mesmo ano-safra.

São 14 tipos de feijão cultivado, sendo mais conhecidos no Brasil o carioca, o preto, o fradinho (também chamado de macassar, caupi ou de corda), além dos feijões tipo cores (branco, vermelho, roxo e outros). É uma planta adaptável às diversas condições de clima e solo, podendo ser cultivada isoladamente, em consórcio ou intercalada.

A região Sul é a maior produtora nacional, com previsão de atingir 918,9 mil toneladas no atual ano-safra (**Tabela 2**). Os maiores produtores são Paraná, Minas Gerais, Bahia, Goiás e Mato Grosso (CONAB, 2023a). O produtor familiar (principalmente o nordestino) geralmente é descapitalizado e produz em consórcio com outras culturas. A baixa produtividade também resulta da ausência de calagem e/ou erosão do solo, da adubação desequilibrada e do manejo inadequado de pragas e doenças, pela assistência técnica deficitária.

Tabela 2 – Área, produtividade e produção nacionais de feijão, por regiões

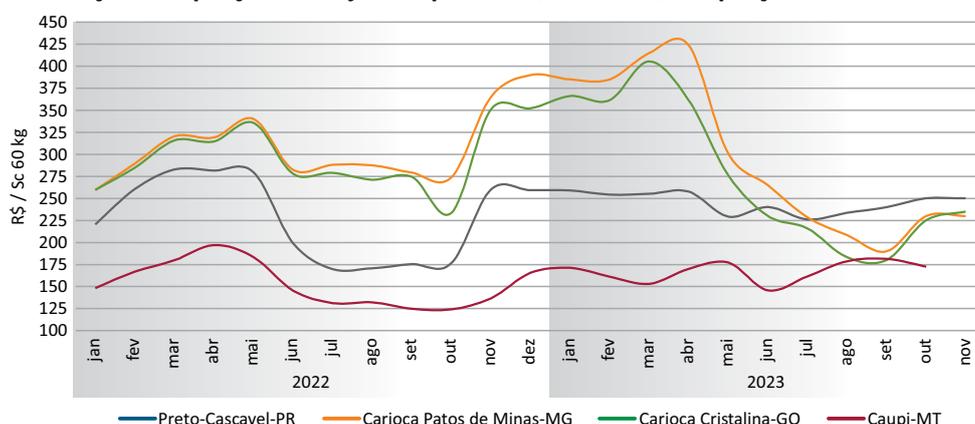
Unidade geográfica	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	2022/23	2023/24 (1)	(%)	2022/23	2023/24 (1)	(%)	2022/23	2023/24 (1)	(%)
Norte	92,2	93,1	1,0	938	985	5,0	86,6	91,7	5,9
Nordeste	1.382,9	1.448,5	4,7	474	480	1,4	655,5	695,9	6,2
Centro-Oeste	285,3	281,5	-1,3	2.276	2.178	-4,3	649,3	613,2	-5,6
Sudeste	405,4	413,9	2,1	1.841	1.795	-2,5	746,2	742,8	-0,5
Sul	527,8	546,3	3,5	1.713	1.682	-1,8	904,2	918,9	1,6
Brasil	2.693,6	2.783,3	3,3	1.129	1.100	-2,6	3.041,8	3.062,5	0,7

Fonte: Conab (2023a).

Nota: (1) Previsão, em novembro/23.

O consumo de feijão é sazonal, caindo entre dezembro e fevereiro, por conta das festas de fim de ano e das férias escolares. Ao longo dos últimos quarenta anos, o consumo *per capita* caiu, de 25 para 14 kg/habitante/ano, em razão da maior urbanização e necessidade do trabalho feminino fora do lar, bem como a migração do consumo para proteína animal, principalmente frango, com o aumento do tamanho da classe média nesse período. Geralmente, em abril, com a entrada da safra da seca na comercialização, os preços se reduzem (CONAB, 2021). Os preços ao produtor atualmente seguem um caminho de elevação (**Gráfico 1**).

Gráfico 1 – Evolução dos preços do feijão ao produtor, no Brasil, em praças selecionadas, 2022-2023



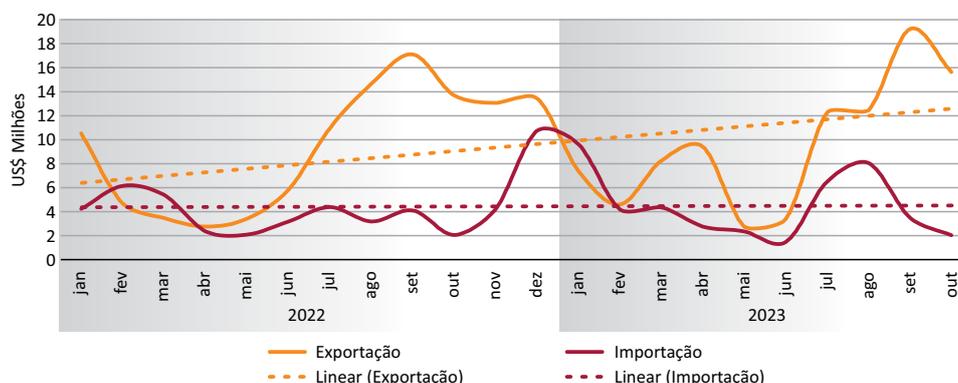
Fonte: Conab (2023b); CMA (2023)

Nota: Preços corrigidos pelo IGP-DI - geral - índice (ago. 1994 = 100). Fundação Getúlio Vargas.

Segundo o presidente do Instituto Brasileiro do Feijão e Pulses (Ibrafe), Marcelo Lüders, as recentes chuvas torrenciais no Sul e Sudeste, resultantes do *El Niño* severo, estão prejudicando o plantio no Sul do Paraná e norte de Santa Catarina, principalmente para o feijão preto, o que trará aumento de preços nos próximos meses¹. Além do clima, outro entrave na comercialização é a concentração da produção do tipo carioca (pelo menos 40%). Segundo o Ibrafe, o Brasil é o único produtor mundial e o maior consumidor dessa variedade, pouco aceita no exterior pela alta perecibilidade. O problema se agrava se houver quebra de safra ou excesso de produção, pela falta de variedade alternativa ou impossibilidade de exportação, respectivamente. Contudo, nos últimos anos, o Instituto Agrônomo de Campinas e a Embrapa desenvolveram cultivares na tentativa de evitar essa concentração.

A exportação de feijão entre as variedades tem sazonalidade semelhante, no total atingindo máximos entre agosto e setembro, sendo maiores que as importações e apresentando tendência de crescimento mais acentuada no período observado. Os países que mais compraram feijão brasileiro, em 2023, são Argentina, Índia e Vietnã, nessa ordem, havendo apenas a troca entre os dois primeiros em 2022, com valores e volumes em torno de 75% do total. A exportação brasileira avançou menos em valor (+9,6%) e mais em volume (+9,8%), comparando-se o período janeiro-outubro de 2023 com o de 2022, já que o dólar alternou trimestres de altas e baixas durante 2023. A previsão para 2023/24, segundo a Conab (2023a), é de manutenção das 165 mil toneladas de 2022/23 (Gráfico 2).

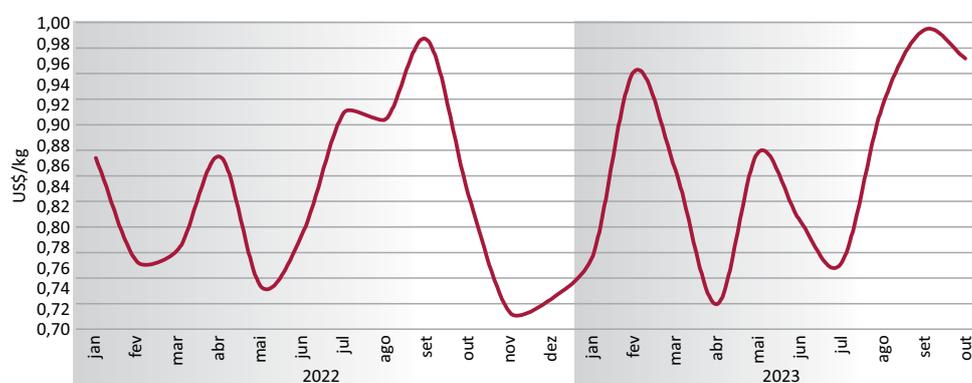
Gráfico 2 – Balança comercial do comércio exterior de feijão no Brasil (em US\$)



Fonte: Adaptado a partir de dados do COMEXSTAT (BRASIL, 2023).

As importações foram menores no período, só superando as exportações no início de cada ano. Argentina, Paraguai e Bolívia (nessa ordem) são os três maiores vendedores de feijão para o Brasil. Diferente do milho e da soja, o feijão é mais perecível, e mesmo novas tecnologias de armazenamento que aumentem seu pós-colheita ainda não estão disponíveis para todas os produtores. Os preços de exportação têm variação inversa às de valor e volume, em razão da sazonalidade, sem a interferência aparente de fatores externos (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Preço médio mensal do feijão exportado pelo Brasil (US\$/kg)



Fonte: Adaptado a partir de dados do COMEXSTAT (BRASIL, 2023).

1 Em entrevista ao portal Clube T & D, em 17/10/23, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8x0nmgA1IXA>.

3 Nordeste

Foi a terceira região produtora nacional na safra passada, e estima-se manter-se assim na safra atual, mas com aumento de produção (+6,2%) e de área (+4,7%) (**Tabela 2**). Historicamente, e algo que volta a se confirmar nas previsões para esta safra, o Nordeste tem a particularidade de ter área maior que a soma das áreas das demais regiões (1,45 milhão de ha contra 1,33 milhão de ha), porém produtividade mais baixa, de 480 kg/ha, representando de 22% a 29% da produtividade do Centro-Sul (CONAB, 2023a). A Bahia é o terceiro produtor nacional, com o Ceará em sétimo e Pernambuco em nono, com os dois primeiros devendo elevar a produção para a atual safra (4,6% e 73,1%, respectivamente), enquanto o último, leve redução de 0,5%. Apesar da previsão de forte *El Niño*, que deve reduzir a precipitação na Região. Os preços do carioca e do comum tiveram tendência de queda, a partir de abril, recuperando-se em outubro (por conta de safra e entressafra), enquanto o caupi, de elevação, à semelhança dos preços nacionais (**Gráfico 4**).

Tabela 3 – Área, produtividade e produção de feijão no Nordeste

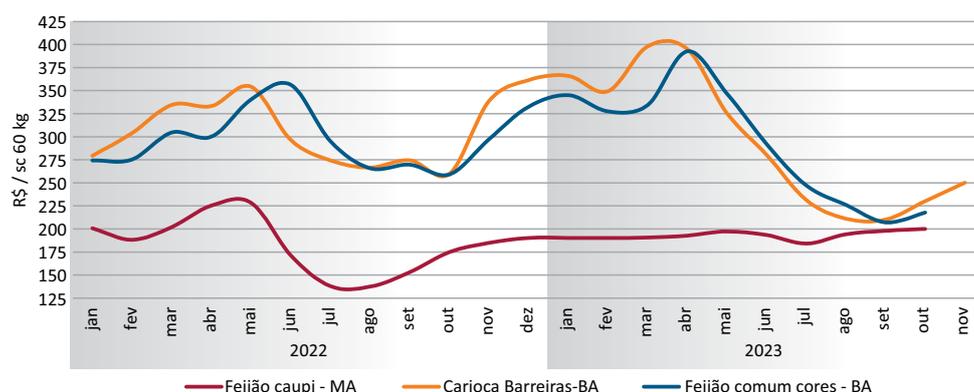
UF	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	2022/23	2023/24 (1)	(%)	2022/23	2023/24 (1)	(%)	2022/23	2023/24 (1)	(%)
Maranhão	47,8	47,6	-0,4	604	589	-2,4	28,9	28,0	-3,1
Piauí	193,3	192,7	-0,3	395	369	-6,6	76,4	71,1	-6,9
Ceará	351,2	367,7	4,7	194	320	65,3	68,0	117,7	73,1
R.G.do Norte	46,4	44,2	-4,7	543	450	-17,1	25,2	19,9	-21,0
Paraíba	96,1	103,0	7,2	528	406	-23,1	50,8	41,8	-17,7
Pernambuco	184,6	223,8	21,2	540	443	-18,0	99,6	99,1	-0,5
Alagoas	31,2	34,0	9,0	561	450	-19,8	17,5	15,3	-12,6
Sergipe	0,2	1,1	450,0	900	772	-14,2	0,2	0,8	300,0
Bahia	432,1	434,4	0,5	669	696	4,1	288,9	302,2	4,6
Nordeste	1.382,9	1.448,5	4,7	474	480	1,4	655,5	695,9	6,2

Fonte: Conab (2023a).

Nota: (1) previsão, em novembro/23.

O Nordeste é representativo no plantio do feijão caupi (feijão de corda ou macassar), somando, nas três safras, 85% da área plantada e 70% da produção (concentradas no Ceará, Bahia e Piauí, nessa ordem). É um tipo muito rústico, que se adapta bem à pouca disponibilidade de água, tem plantio mais tardio e é cultivado em regiões mais áridas do Mato Grosso e Minas Gerais (CONAB, 2023a).

Gráfico 4 – Evolução dos preços do feijão ao produtor, no Nordeste, em praças selecionadas, 2022-23



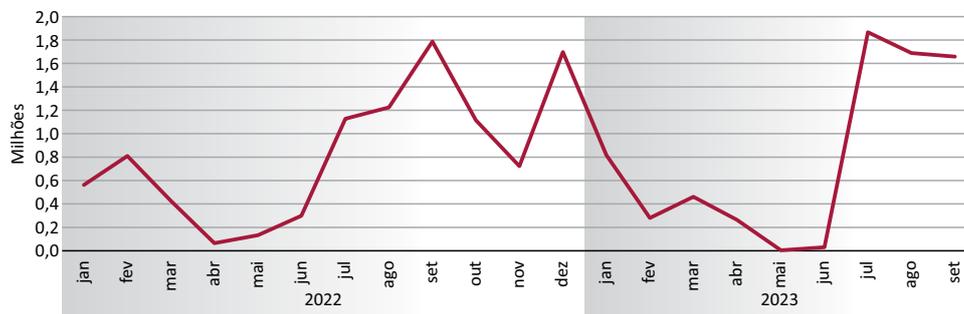
Fonte: Conab (2023b); CMA (2023).

Nota: Preços corrigidos pelo IGP-DI - geral - índice (ago. 1994 = 100). Fundação Getúlio Vargas.

Os **Gráficos 5 e 6**, a seguir, mostram, para o comércio exterior nordestino, tendências semelhantes às nacionais, ao menos para a exportação, cujo volume varia com a sazonalidade da produção e os preços, geralmente, obedecendo às variações dos valores exportados. Considerando o período janeiro-outubro, a exportação nordestina de feijão ficou em US\$ 8,6 milhões em 2023, aumento de 14% em relação a 2022, com o volume subindo de 9,2 mil toneladas para 9,9 mil (+7,4%). As importações foram

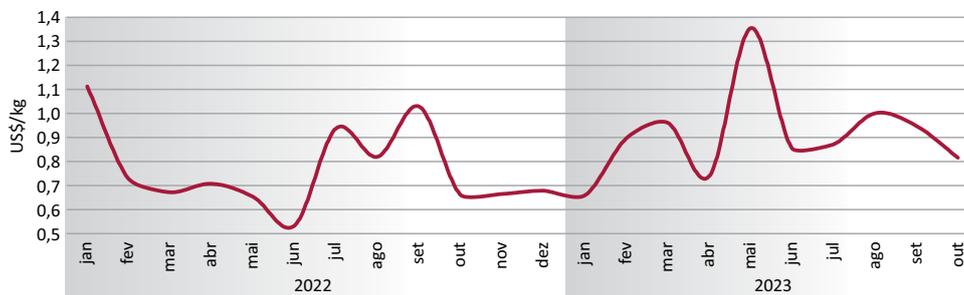
irrisórias no período, ocorrendo quase que somente em 2022, US\$ 43,1 mil, correspondendo a 54,5 toneladas. Em 2023, os principais estados exportadores do Nordeste foram Bahia, Maranhão e Piauí, enquanto os maiores compradores de feijão nordestino foram Índia, Vietnã e Indonésia, nesta ordem.

Gráfico 5 – Exportações de feijão no Nordeste (em US\$)



Fonte: Adaptado a partir de dados do COMEXSTAT (BRASIL, 2023).

Gráfico 6 – Preço médio mensal do feijão exportado pelo Nordeste (US\$/kg)



Fonte: Adaptado a partir de dados do COMEXSTAT (BRASIL, 2023).

4 Sumário Executivo Setorial

<p>Ambiente político-regulatório</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É regulamentado e vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que estabelece em lei o padrão de classificação, identidade, qualidade, amostragem e rotulagem do feijão; • O Ministério da Agricultura também é responsável pelo Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc) para a cultura do feijão. O objetivo é orientar os produtores rurais e instituições financeiras sobre as condições edafoclimáticas e outros fatores (cultivares/sementes, manejo hídrico etc.) que podem influenciar as lavouras, para mitigar riscos de perdas ou quebras de safra e balizar contratos de seguros e de crédito rural para as respectivas safras.
<p>Meio ambiente - O efeito das mudanças climáticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As mudanças climáticas têm vital importância em toda agropecuária, e os eventos extremos tendem a ser mais frequentes. Segundo análise do modelo de previsão do Instituto Internacional de Pesquisa em Clima, há probabilidade de 100% de ser forte, devendo durar até março de 2024. Seca na região Norte e inundações no Sul já causam impactos diretos e negativos na safra de grãos 2023/24, e o Nordeste, costumeiramente, tem precipitações abaixo do normal com o fenômeno; • Em outubro, houve predomínio do tempo quente e seco no Nordeste, exceto no oeste da Bahia e sul do Maranhão, que tiveram volumes de chuva menores que 70 mm, possibilitando semeadura dos cultivos de primeira safra. Em regiões do Sertão, o tempo seco beneficiou a colheita dos cultivos da terceira safra.
<p>Nível de organização do setor (existência de instituições de pesquisas específicas para setor, existência de associações etc.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os órgãos de pesquisa, financiamento e apoio à produção fomentam a inovação à cadeia produtiva, superando desafios relacionados a novas pragas, elevação da produtividade e os investimentos necessários; • O setor tem cadeia produtiva parcialmente organizada e estruturada, sendo praticada de forma majoritariamente familiar (cerca de 70% da produção nacional e 80% da nordestina), tratando-se de um dos principais ingredientes da dieta dos brasileiros, participando com 1,3% do Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP), R\$ 15,34 bilhões, em 2023, aumento de 4,9% em relação a 2022, segundo dados do MAPA (2023); • Instituições públicas e privadas apoiam o setor: de pesquisa (como Embrapa, Universidades Federais, Estaduais e outras), de financiamento (bancos públicos e privados) e de formação e de qualificação profissional; • A infraestrutura logística tem evoluído nos portos do Arco Norte, favorecendo as exportações de grãos, agilizando o fornecimento de insumos e reduzindo custos com transporte.

<p>Resultados das empresas que atuam no setor</p>	<ul style="list-style-type: none"> De acordo com dados da EMIS (2023), boa parte das maiores empresas que produzem feijão no Brasil teve desempenho positivo em 2022, comparando-se a 2021, tendo apresentado bom nível de receita operacional. Alguns grandes grupos econômicos atuam nesse mercado, principalmente em operações de colheita, empacotamento e distribuição;
<p>Perspectivas para o setor (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter assim no curto, médio ou longo prazos)</p>	<ul style="list-style-type: none"> O mercado de grãos secos (incluindo os pulses: feijão, ervilha, grão-de-bico, fava etc.) tem possibilidade de crescimento, devido à conscientização sobre seus benefícios para a saúde, sendo importantes fontes de proteína em dietas vegetarianas, veganas e para celíacos; O consumo de produtos prontos ou semiprontos à base de feijão, reduzindo o tempo de preparo, é uma tendência, muito embora o produto in natura seja ainda muito apreciado, principalmente pela população de renda mais baixa; A produção orgânica tem sido um novo nicho para a agricultura familiar, demandando a assistência técnica qualificada para capacitar os produtores, não só para a produção, como para a legislação acerca dos orgânicos; Continuidade das pesquisas com novas variedades, pela Embrapa e Instituto Agronômico de Campinas, mais precoces, produtivas, para evitar a concentração no feijão carioca e oferecer mais opções no mercado, como a de mulatinho voltada para a agricultura familiar no Nordeste, fruto da parceria da Embrapa com o setor privado; O Ibrafe tem estimulado os produtores a plantar feijão rajado, de ciclo mais curto, ou o vermelho, que são bem aceitos no exterior, recomendando a diversificação de variedades. Empresas exportadoras e tradings têm incentivado agricultores brasileiros a semear variedades mais apreciadas na Ásia, como azuki, mungo, caupi e rajado, a fim de participar mais do comércio externo, A cultura tem perspectivas de estabilidade, com maior área plantada, contrária a uma tendência histórica de redução, pela expectativa de melhor rentabilidade frente à soja e ao milho, e pelo retorno mais rápido do investimento em razão do ciclo mais curto, embora a produtividade deva cair, tendo-se sempre em mente a ocorrência de um El Niño mais forte.

Referências

BRASIL. MAPA - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Projeções do agronegócio 2022/23 a 2032/33**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica-agricola/projecoes-do-agronegocio/projecoes-do-agronegocio-2022-2023-a-2032-2033.pdf>. Acesso em 08 dez. 2022.

_____. MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Comexstat - Portal de estatísticas de comércio exterior do Brasil**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 08 nov. 2023.

CMA - CONSULTORIA, MÉTODOS, ASSESSORIA E MERCANTIL S.A. **Trading Analysis Information**. São Paulo: CMA, 2023.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Perspectivas para a agropecuária. Vol. 9, safra 2021/22, Edição Grãos**. Brasília: 2021. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/perspectivas-para-a-agropecuaria>. Acesso em: 27 nov. 2023.

_____. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos**. Safra 2023/24, 2º levantamento. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/graos>. Acesso em: 10 nov. 2023a.

_____. **Preços agropecuários**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/precos?view=default>. Acesso em: 10 nov. 2023b.

EMIS - EMERGING MARKETS INFORMATION SERVICE. **Empresas. Principais Empresas**. 2023. Disponível em: <https://www.emis.com/php/companies/overview>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FAOSTAT. **Crops**. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/en/#data/QCL>. Acesso em: 16 out. 2023.

FGV – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Conjuntura Econômica - IGP (FGV/Conj. Econ. - IGP) - IGP12_IGPDI12**. Fonte: IPEADData. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> Acesso em: 10 nov. 2023.

IBRAFE – INSTITUTO BRASILEIRO DO FEIJÃO. **Feijões Mungo-preto e Guandu serão opções para a Índia**. Disponível em: <https://www.ibrafe.org/artigo/feijoes-mungo-preto-e-guandu-serao-opcoes-para-india#:~:text=A%20C3%8Dndia%20C3%A9%20o%20maior,as%20mais%20focadas%20pelo%20governo>. Acesso em: 05 nov. 2023.

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>